

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC CARLOS EDUARDO QUARESMA BOTELHO

A INTERVENÇÃO DA FEDERAÇÃO RUSSA NA GEÓRGIA:
aspectos geopolíticos e geoestratégicos.

Rio de Janeiro

2009

CC CARLOS EDUARDO QUARESMA BOTELHO

A INTERVENÇÃO DA FEDERAÇÃO RUSSA NA GEÓRGIA:
aspectos geopolíticos e geoestratégicos.

Monografia apresentada à Escola de Guerra
Naval, como requisito parcial para a conclusão do
Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Alberto Duek

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2009

RESUMO

A então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ao término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), havia atingido a polarização política da massa continental europeia em torno de uma única potência, que, de acordo com as concepções geopolíticas de Halford John Mackinder (1861-1947) e Karl Ernst Nikolaus Haushoffer (1869-1946), levaria à criação de um poder mundial, agregando as condições necessárias à consolidação dos ideais de Autarquia e Espaço Vital, em torno da qual teriam que se submeter as áreas adjacentes. Com o colapso do sistema socialista e a consequente desintegração da URSS, em 1991, o chamado “coração do mundo” (*heartland*) foi fragmentado em 15 novos Estados. A Federação Russa passou a enfrentar diversos problemas geopolíticos, tais como: os conflitos gerados pelas áreas de produção e transporte dos recursos energéticos provenientes do mar Cáspio; o desejo de maior autonomia ou mesmo independência de algumas repúblicas da Federação, consideradas vitais para a manutenção do Sistema dos Cinco Mares e do rio Volga, que somadas às perdas dos litorais dos mares Negro e Báltico, poderiam levar a um colapso nas linhas de comunicações marítimas russas; e os diversos conflitos étnicos e religiosos na região do Cáucaso. Paralelamente, os Estados Unidos da América (EUA), que emergiram como a única grande potência mundial após o fim da Guerra Fria (1947-1991), adotaram uma geoestratégia manipulativa em relação à Rússia, no sentido de impedir a sua influência sobre as ex-repúblicas soviéticas e a consequente formação de uma nova potência na região do *heartland*, procurando enfraquecer as relações russas com essas repúblicas. As perdas geopolíticas da Federação Russa pós-URSS; a complexidade étnica, linguística e religiosa que envolve Rússia, Geórgia e Ossétia do Sul; e a proximidade estadunidense do entorno estratégico russo, são alguns ingredientes que contribuíram para a intervenção da Rússia na Geórgia.

Palavras chave: Intervenção na Geórgia. Mackinder. Haushofer. Kissinger e Brzezinski.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	TEORIAS GEOPOLÍTICAS.....	6
2.1	Teoria do Poder Terrestre de Mackinder.....	6
2.2	Pan-regiões de Haushofer.....	7
2.3	O Realismo Geostratégico de Kissinger e Brzezinski.....	9
3	A GEOPOLÍTICA RUSSA PÓS-GUERRA FRIA.....	12
3.1	Perdas Geopolíticas dos Litorais.....	12
3.2	Complexidade Étnica do Cáucaso.....	13
3.3	Os Recursos Energéticos.....	14
3.4	O Sistema dos Cinco Mares e o Vale do Volga.....	17
4	ASPECTOS ÉTNICOS DA INTERVENÇÃO DA RÚSSIA NA GEÓRGIA... 	19
5	CONCLUSÃO.....	21
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Halford John Mackinder (1861-1947), em 1947, vislumbrou a importância geopolítica que a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) havia atingido ao término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em suas teorias, chamava de *heartland* a região que compreendia a ex-URSS, a qual foi por ele considerada como sendo o “pivô do mundo”, o “Coração Continental”, o “Coração da Terra”, “País Central”, dentre outras denominações (TOSTA, 1994, p. 54). Dizia Mackinder:

O *heartland* está colocado em seu cinturão de amplas defesas naturais: Oceano Ártico, coberto de gelo; *Lenelândia*¹, florestal e escarpada; e as montanhas e áridos altiplanos da Ásia central [...]. Dentro desta vasta fortaleza natural, encontra-se, pela primeira vez em toda História, uma guarnição adequada para impedir a entrada do invasor [...]. Por outro lado, acima e abaixo do *heartland* há ricos solos para serem cultivados e jazidas de minérios e combustíveis que equivalem – ou quase equivalem – a todas as existentes no solo e no subsolo dos Estados Unidos e do domínio do Canadá [...] (MACKINDER, 1947, apud TOSTA, 1984, p. 55)².

Com o colapso do sistema socialista e a conseqüente desintegração da URSS, em 1991, o *heartland*, descrito por Mackinder, foi fragmentado em 15 novos Estados. A Federação Russa herdou a maior parte da população, do território e dos recursos econômicos (OLIC, 1999).

A Rússia atual é composta por uma população com grande diversidade étnico-cultural, dispersa sobre um imenso território, onde convivem mais de uma centena de nacionalidades, com predomínio daquelas de origem russa. Essa diversidade étnica foi a origem dos diversos Estados que surgiram após a extinção da URSS (OLIC, 1999).

De acordo com o pensamento de Olic (1999), atualmente a Rússia desempenha um papel secundário no cenário mundial. Essa perda de prestígio geopolítico alcançada pela Federação Russa pós-URSS, foi observada em função da complexa e conturbada evolução política, econômica e social que o Estado atravessa desde 1991, quando voltou à sua “prisão continental”³.

Nesse cenário, ocorrem diversos conflitos entre a Rússia e outros Estados que surgiram após o término da URSS, motivados por assuntos econômicos (recursos naturais, acesso a mares, portos, etc.), étnicos, linguísticos, religiosos, culturais, dentre outros. Nesse

¹ Halford J. Mackinder chama de Lenelândia o “país que se estende na parte oriental do Rio Jenessei, cujo aspecto é de montanhas, planaltos e vales cobertos quase de um lado ao outro de florestas de coníferas” (TOSTA, 1984, p. 55).

² MACKINDER, Halford John. *O Mundo Redondo e a Conquista da Paz*, 1954. In “Boletim Geográfico” n° 118/54 (trad. “The Foreign Affairs Reader”, de 1947). Rio de Janeiro: IBGE, Brasil, 1954.

³ Termo utilizado por um dos maiores líderes políticos da Rússia, o czar Pedro, o Grande (1672-1725), imperador russo no século XVIII, em função das dificuldades de acesso a mares que não ficassem congelados durante grande parte do ano (OLIC, 1999).

sentido, avultam os interesses geopolíticos na região do *heartland*, em especial para a Federação Russa, em função das perdas relativas ocorridas com a divisão da URSS.

Paralelamente, os Estados Unidos da América (EUA), que emergiram como a única grande potência mundial após o fim da Guerra Fria (1947-1991), adotaram uma geoestratégia manipulativa em relação à Rússia, no sentido de impedir a sua influência sobre as ex-repúblicas soviéticas e a consequente formação de uma nova potência na região do *heartland*, procurando enfraquecer as relações russas com essas repúblicas (VESENTINI, 2004).

O propósito do presente trabalho é analisar sucintamente os motivos da intervenção da Federação Russa na Geórgia, sob o ponto de vista das Teorias Geopolíticas Clássicas e das perdas geopolíticas sofridas pela Rússia relativamente à URSS, além de avaliar a influência da política externa dos EUA nesse contexto. Para a fundamentação teórica, foi utilizado um processo de investigação realizado por meio de uma pesquisa bibliográfico-documental, utilizando técnicas indiretas.

A sistematização do estudo dar-se-á, inicialmente, pela apresentação conceitual das Teorias Geopolíticas Clássicas de Halford John Mackinder e Karl Ernst Nikolaus Haushoffer (1869-1946), referentes, respectivamente às Teorias do Poder Terrestre e das Pan-regiões. Em sequência, será abordada a geoestratégia dos ex-secretários de Estado dos EUA Henry Kissinger (1923-) e Zbigniew Kazimierz Brzezinski (1928-), em relação à Rússia pós-Guerra Fria, passando pela geopolítica russa no período após o colapso da URSS, com ênfase nas perdas geoestratégicas daquele Estado, finalizando com a exposição dos antecedentes históricos da intervenção da Rússia na Geórgia. A partir de então, será feita a correlação entre essa intervenção, as teorias geopolíticas e a geoestratégia norte-americana apresentadas.

A relevância da pesquisa dar-se-á pelo fato de apresentar uma contribuição ao estudo da geopolítica no conflito contemporâneo do Cáucaso, ampliando o conhecimento na área de estudo.

2 AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS

As teorias geopolíticas clássicas surgiram no século XIX e povoaram as mentes dos principais estadistas e estrategistas durante grande parte do século XX, pelo fato de estarem relacionadas com o conceito de poder (MATTOS, in MAFRA, 2006).

O presente capítulo abordará as teorias clássicas de Mackinder e Haushoffer, referentes, respectivamente às Teorias do Poder Terrestre e das Pan-regiões. Em seguida, será analisado o Realismo Geoestratégico de Kissinger e Brzezinski, referente à política externa dos EUA para a região da Rússia.

2.1 Teoria do Poder Terrestre de Mackinder

Halford John Mackinder é considerado o “Propugnador do Poder Terrestre”, devido às suas teorias geopolíticas, que influenciaram a política externa de vários Estados (VESENTINI, 2002), no sentido de justificar suas pretensões expansionistas, defendendo a idéia de uma interdependência dos acontecimentos físicos, econômicos e militares que se processavam no mundo (MELLO, 1999).

Mackinder considerou que após a Grande Guerra (1914-1918), a Rússia havia se tornado o Pivô do Mundo, denominando o local ocupado por ela de *heartland*. Essa posição estratégica trouxe um desequilíbrio de poderes a favor desse Estado Pivô. Segundo a sua concepção estratégica:

Quem dominar a Europa Oriental controlará o coração continental;
Quem dominar o coração continental controlará a ilha mundial;
Quem dominar a ilha mundial controlará o mundo (MACKINDER, 1947, apud TOSTA, 1984, p. 53).

De acordo com Mattos (2002), a concepção “mackinderiana” de polarização política da massa continental européia, em torno de uma única potência, levaria à criação de um poder mundial que ocuparia a “ilha mundial”, em torno da qual teriam que se submeter as áreas adjacentes, ou “crescente interior” e “crescente exterior”.

Ao término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Mackinder atualizou seus conceitos a respeito do Pivô do Mundo, passando a considerar o território ocupado pela URSS o novo *heartland*, cuja importância estratégica, segundo Vesentini (2004), estaria na combinação de três características: A presença de uma porção importante da maior planície do mundo, coberta de pastagens, favorecendo a mobilidade de povos e guerreiros; a presença de

alguns dos maiores rios do mundo; e finalmente, a sua natureza relativamente fechada em relação às incursões vindas pelo mar.

As vastas potencialidades do Heartland estão estrategicamente bem localizadas. As indústrias estão crescendo rapidamente nos Urais sulinos[...] e na rica bacia carbonífera do Kuznetz. [...] A Rússia produziu mais do que qualquer outro país, produtos essenciais [...] Apareceu[...] em primeiro lugar em relação ao ferro e [...] em segundo lugar na produção de petróleo. As bacias de Kuznetz e Kroznoyarsk possuem capacidade estimada para suprir as necessidades de todo o mundo durante trezentos anos [...] o país é capaz de produzir tudo que necessita (MACKINDER, 1947, apud TOSTA, 1984, p. 55).

Não obstante o contexto temporal em que as ideias de Mackinder estão inseridas, este autor considera que desde o término da Segunda Guerra Mundial, até o seu colapso, em 1991, a URSS manteve-se inserido no *heartland*, desfrutando de todos os benefícios estratégicos vislumbrados por Mackinder: a abundância de recursos naturais; a mobilidade oferecida pela vasta planície existente em seu território; a rede hidroviária; e o favorecimento de uma estratégia de defesa.

Após o colapso da URSS, e seu conseqüente esfacelamento e divisão em repúblicas independentes, este autor considera que a Rússia, apesar de haver herdado a maior parte daquele território, deixou de ocupar a totalidade estratégica do *heartland*.

De acordo com as Leis Expansionistas de Ratzel⁴ (1844-1904), em seu crescimento, o Estado luta pela absorção de áreas politicamente valiosas, tais como, litorais, planícies e regiões ricas em recursos (MATTOS, 2002).

Nesse sentido, pode-se considerar que houve influência das teorias de Ratzel e Mackinder no processo de formação do território soviético. Pode-se, ainda, afirmar que as perdas geopolíticas sofridas pela Rússia após a divisão da URSS foram sentidas em vários aspectos, mas, no limite, fizeram com que essa Confederação deixasse de possuir as riquezas que denotam a auto-suficiência do *heartland*, as quais foram moldadas pela potência socialista após o término da 2ª Guerra Mundial, nos moldes do pensamento expansionista de Ratzel.

Como conseqüência dessas perdas geopolíticas, passou a existir, de acordo com este autor, a necessidade da Rússia manter as demais repúblicas independentes da ex-URSS sob a sua esfera de influência, sob o risco de ter que negociar as suas necessidades não mais com os Estados limítrofes e antigos aliados, mas com economias mais desenvolvidas, o que certamente traria desvantagens competitivas.

⁴ Friedrich Ratzel é considerado um dos precursores da geopolítica e elaborou as “sete leis do expansionismo dos Estados” (VESENTINI, 2002).

2.2 Pan-regiões de Haushofer

Karl Ernst Nikolaus Haushofer baseou seu pensamento geopolítico em cinco conceitos fundamentais: Autarquia; Espaço Vital; Pan-regiões; Fronteiras (que na sua concepção são temporárias e expressam as condições de poder político em determinado momento); e Poder Terrestre *versus* Poder Marítimo, em oposição às ideias geopolíticas de Mahan⁵ (1840-1914) (TOSTA, 1984). Para o presente trabalho serão abordados os três primeiros conceitos.

Autarquia refere-se, segundo a escola geopolítica alemã, “ao ideal de auto-suficiência nacional no sentido econômico. Isso presume que cada unidade política deve produzir tudo do que necessita” (TOSTA, 1984, p. 64).

O Espaço Vital, ou *lebensraum*, na concepção de Tosta (1984, p. 65), é o “direito que uma nação tem para expandir seu território, ampliando o espaço para a sua população”. Mais do que simplesmente o espaço físico, leva em consideração os recursos naturais existentes na área a ser reivindicada como seu espaço justo.

A partir desses conceitos, verifica-se que somente um Estado de dimensões continentais, com grande variedade climática e de solo para a produção de *commodities* agrícolas variados, com diversidade de extração de minerais, que possibilite a sua autossustentação, poderia agregar as condições necessárias à consolidação dos ideais de Autarquia e Espaço Vital (TOSTA, 1984).

Segundo Mattos (2002), o pensamento geopolítico de Haushofer e de outros intelectuais alemães visualizou o planeta dividido em cinco grandes regiões naturais, cada qual submetida a um Estado Diretor.

A essas hiper-regiões, os geopolíticos alemães denominaram de Pan-regiões: Pan-América; Euráfrica (Pan-Euráfrica); Esfera de Coprosperidade da Ásia Oriental Maior (Pan-Ásia); e Pan-Rússia. Cada uma dessas unidades políticas teria uma grande potência como Estado Diretor, que seriam as potências dominantes das zonas de influência. Esses Estados seriam, respectivamente, EUA, Alemanha, Japão e Rússia (TOSTA, 1984).

Os territórios desses Superestados, por sua extensão, permitiriam uma grande variedade de climas e de solos que assegurariam a produção de quase todos os recursos agrícolas e silvestres, bem como a extração de numerosos recursos minerais[...]teriam também amplo contato com o oceano, o que facilitaria a

⁵ Alfred Thayer Mahan, considerado o evangelista do Poder Marítimo, afirmava que a chave para o poder mundial residia no controle das rotas marítimas (VESENTINI, 2002). Haushofer repugnava o domínio do mundo por uma potência marítima, pois acreditava que tal domínio poderia acabar, repentinamente, como consequência de uma redução de poder ou devido à substituição de uma linha de comunicação vital à sua existência (TOSTA, 1984).

importação dos poucos artigos que não produziu em seu território (TOSTA, 1984, p. 68).

O conceito de Pan-região, formulado por Haushofer e outros geopolíticos alemães, segundo este autor, influenciaram o processo de formação da URSS, além de corroborar com o ideal da Rússia pós-soviética de querer reorganizar os Estados da ex-potência socialista sob a sua esfera de influência, com o intuito de voltar a possuir as condições de auto-sustentação que havia na época da URSS e que foram divididas após o seu colapso.

Embora a pan-Rússia, vislumbrada por Haushofer, previsse uma saída para o Oceano Índico (englobava a região onde se localiza a Índia), este autor considera que a ex-URSS já possuía as condições naturais necessárias à constituição de uma grande potência, com duas ressalvas: a saída para mares que não permaneçam congelados por longos períodos; e a falta de diversidade climática, uma vez que a referida Pan-região não abrangeria o clima equatorial (TOSTA, 1984).

“A geopolítica é a capacidade de o espaço geográfico conferir poder ao Estado, em função das riquezas naturais; localização e extensão; e pelo poder simbólico” (PEREIRA, 2009, informação verbal⁶). Juan Rudolph Kjellen (1864-1922), estudioso das teoria geopolíticas de Ratzel, considerava o poder como o principal atributo de um Estado (RATTENBACH, 1975).

Na concepção deste autor, a partir do conceito de geopolítica apresentado, e em função das perdas geopolíticas sofridas pela Federação Russa, comparativamente com a existente antes da dissolução da potência socialista, houve perda de poder pela Rússia, que herdou a maior parte do território da ex-URSS, porém deixou de ser a detentora da totalidade das riquezas e dos recursos estratégicos daquela união de repúblicas.

Consequentemente, a Rússia, ao perder poder, seu principal atributo, passa a adotar uma estratégia de impedir que as ex-repúblicas da potência socialista se afastem da sua esfera de influência, principalmente em função das riquezas por elas absorvidas, em detrimento do seu Estado, numa concepção “mackinderiana” de recriar uma superpotência na região do *heartland*.

2.3 O Realismo Geoestratégico de Kissinger e Brzezinski

⁶ Palestra do Professor João Eduardo de Alves Pereira proferida na Escola de Guerra Naval, por ocasião do Seminário de Geopolítica do Petróleo e Direito Internacional, 21 jul. 2009.

Henry Kissinger foi estadista e secretário de Estado dos presidentes estadunidenses Richard Nixon (1913-1994) e Gerald Ford (1913-2006). Juntamente com Zbigniew Kazimierz Brzezinski, conselheiro de segurança nacional dos EUA durante o governo de Jimmy Carter (1924-), formam a vertente do realismo geoestratégico⁷ da política externa dos EUA, repudiando o idealismo⁸ (VESENTINI, 2004, p. 95).

O realismo geoestratégico de Kissinger, em relação à Rússia, pode assim ser resumido:

Quando a URSS se desintegrou, em 1991, ele logo propôs que os EUA estreitassem seus laços culturais e econômicos com os novos Estados independentes como forma de evitar que a Rússia transformasse a CEI⁹ num novo império. Somente se a Rússia “respeitar a nova situação e permanecer dentro de suas fronteiras”, ele assinalou, aí sim um “significativo progresso de ajuda ocidental poderia ser organizado” (VESENTINI, 2004, p. 96).

Nesse sentido, Kissinger e Brzezinski, segundo Vesentini (2004) elaboram estratégias regionais ou pontuais, nas quais os EUA encontram-se como protagonista no cenário mundial. Suas preocupações geoestratégicas visam à manutenção da hegemonia global dos norte-americanos.

De acordo com Vesentini (2004), embora Brzezinski e Kissinger reconheçam que com o término da Guerra Fria os EUA tornaram-se a única grande potência mundial, paradoxalmente, Brzezinski afirma que a Eurásia continua sendo a chave geopolítica, a região pivô do poder no âmbito global, numa perspectiva “mackinderiana”.

Brzezinski acredita que a supremacia norte americana seja temporária, uma vez que nos últimos quinhentos anos, desde que o mundo foi unificado, o poder mundial sempre foi dominado por povos da Eurásia. Portanto, a principal preocupação geopolítica dos EUA deveria ser a implantação de uma adequada estratégia para a Eurásia (VESENTINI, 2004).

A Eurásia foi dividida por Brzezinski em regiões geopolíticas, com o intuito de manipular seus principais atores geoestratégicos. Após, vislumbrou os possíveis cenários desfavoráveis para a hegemonia norte-americana, evitando-os por meio de ações preventivas. Nesse sentido, o cenário mais perigoso seria uma “coalizão anti-hegemônica” que reunisse a China (como líder), a Rússia e o radicalismo islâmico por meio do Irã (VESENTINI, 2004).

As regiões nas quais a Eurásia foi dividida por Brzezinski foram:

⁷ Consiste na teoria da defesa dos interesses americanos (dos EUA) por meio de valores relativos (VESENTINI, 2004, p. 95).

⁸ De acordo com Vesentini (2004, p. 95), consiste na política externa de um Estado ser comandada por ideais de democracia ou da “luta entre o bem e o mal”.

⁹ CEI é a sigla da Comunidade dos Estados Independentes, que se formou entre a Rússia e as demais Repúblicas que se tornaram independentes da URSS após o seu colapso, em 1991 (VESENTINI, 2004).

O oeste ou “cabeça-de-ponte democrática” (Europa), o espaço médio ou “buraco negro” (a ex-URSS), o sul ou “balcãs eurásianos” (o Oriente Médio, o centro e o sul da Ásia) e o leste ou “âncora oriental” (o Extremo Oriente e o Sudeste asiático) (VESENTINI, 2004, p. 101).

Para cada uma das regiões, Brzezinski procurou esquematizar a desejável atuação norte-americana. Para o escopo do presente trabalho, serão analisadas as alternativas para a região do espaço médio eurásiano ou “buraco negro”.

A desintegração da URSS, somada à crise econômica e política na qual a Rússia se envolveu, trouxeram a esse Estado um grande declínio geopolítico, com significativas perdas, onde se destacam o acesso aos mares Báltico, Negro e Cáspio. A principal estratégia dos EUA na região do “buraco negro” é no sentido de evitar que a Rússia concretize o seu antigo sonho de construir um imenso e poderoso império eurásiano¹⁰, ideia esta que começou a surgir na Rússia a partir do final da década de 1990 (GASPAR, 2004).

Para os norte-americanos, a melhor opção seria a europeização da Rússia, sem o possível centralismo em Moscou e a consequente repressão sobre os territórios e repúblicas que pleiteiam maior autonomia (VESENTINI, 2004).

Este autor considera que a recente adesão das Repúblicas Bálticas (Estônia, Letônia e Lituânia) à União Européia (UE), o afastamento dos Estados satélites¹¹ da ex-URSS de Moscou, seguida da natural aproximação da UE, a proposta norte-americana de inclusão das Repúblicas da Ucrânia e da Geórgia no Sistema de Defesa Atlântico (SILVA, 2009), somados à distribuição das novas bases dos EUA na Europa, ocorridas na década de 1990, que, segundo Fiori (2007), correspondem a um “novo cordão sanitário¹²”, consubstanciam a geoestratégia norte-americana de isolar a Rússia das demais repúblicas e ex-satélites soviéticos.

Acredita, ainda, que a aproximação dos EUA do entorno geoestratégico russo, influenciando as ex-repúblicas soviéticas, objetiva, no limite, evitar o ressurgimento de uma grande potência no *heartland*, região pivô do poder no âmbito global, por meio da criação de

¹⁰ Este conceito está associado ao “Eurasianismo”, que procura estabelecer uma identidade própria para a Rússia, distinta da Ocidental, e que foca a sua atenção para o Sul e para o Leste, sonhando com uma fusão entre as populações ortodoxas e muçulmanas. Essa teoria tem forte influência das ideias de Mackinder e rejeita veementemente a ideia de europeizar a Rússia (corrente defendida pelos internacionalistas liberais ou “ocidentalizadores”) (SANTOS, 2004).

¹¹ Bloco de Estados que ficavam sob o controle político, econômico e militar (por meio do Pacto de Varsóvia) da URSS. Eram Estados satélites soviéticos: Alemanha Oriental, Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Bulgária e Romênia (MIGLIOLI, 1995).

¹² Conjunto de Estados-tampões que se estabeleceu ao término da Primeira Guerra Mundial (por meio do Tratado de Versalhes), para separar a URSS da Alemanha (TOSTA, 1984).

um império eurasiático, capitaneado pela Rússia, validando o pensamento geoestratégico de Kissinger e Brzezinski.

3 A GEOPOLÍTICA RUSSA PÓS-GUERRA FRIA

Após o colapso da URSS, a Rússia, que herdou a maior parte do território daquela potência, se viu envolta em diversos dilemas geopolíticos. Inicialmente, serão analisadas as perdas de diversos litorais pertencentes à ex-URSS e não herdados pela Rússia; em sequência, a grande complexidade étnica, religiosa e linguística da região do Cáucaso; após, serão abordados os aspectos geopolíticos atinentes aos recursos energéticos provenientes do Mar Cáspio; e para concluir, as pressões sofridas pela Rússia para a manutenção das bacias hidrográficas que interligam os mares Báltico, Branco, Cáspio, Azov e Negro, conhecido como Sistema dos Cinco Mares.

3.1 Perdas Geopolíticas dos Litorais

O mar Báltico, que possuía grande influência soviética, após a sua dissolução e o conseqüente afastamento da Polônia e a independência dos três Estados bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), praticamente deixou de ser considerado vital pela Rússia (OLIC, 1999).

Com a nova configuração geopolítica do Báltico, o contato russo com esse mar ficou limitado à estreita faixa litorânea da cidade de São Petersburgo, espremida entre a Estônia e a Finlândia, e ao descontínuo território de Kaliningrado (OLIC, 1999).

Situação análoga ocorreu com o Mar Negro. Após a sovietação da Bulgária e da Romênia, somadas às então regiões soviéticas da Moldávia e Ucrânia, ao norte, e Geórgia, ao sul, a URSS detinha o controle quase que total do litoral desse mar. Após o seu colapso, esse litoral, para a Rússia, ficou reduzido à estreita faixa que se estende do sul da Ucrânia ao norte da Geórgia (OLIC, 1999).

Na região do Mar Cáspio, que chegou a ser considerado um lago soviético, os ganhos da URSS só não foram totais em função das pressões dos EUA e da Grã-bretanha ao final da Segunda Guerra Mundial, defendendo interesses do Irã e da Turquia (OLIC, 1999).

Com a independência do Cazaquistão, do Turcmenistão e do caucasiano Azerbaijão, a Rússia deixou de ter influência significativa sobre esse mar, ficando o seu litoral significativamente reduzido (OLIC, 1999).

De acordo com Vesentini (2004), esse mar passou a se tornar cada vez mais islâmico, com uma crescente influência da Turquia, do Irã e até do Paquistão.

Vale ressaltar que não houve perdas geopolíticas russas, após a dissolução da URSS, sobre os litorais do Mar Branco, ao norte, e dos mares de Okhotsk e do Japão, a leste.

Porém, esses mares possuem a inconveniência de permanecerem congelados durante grandes períodos do ano (OLIC, 1999).

Verifica-se, portanto, na opinião deste autor, que as saídas marítimas da Rússia ficaram seriamente comprometidas, se comparadas com as existentes à época da URSS, em especial na porção oeste do Estado. Restam, no entanto, os acessos do extremo oriente e do Ártico, que permanecem congelados por grandes períodos.

Assim, as perdas são mais significativas se forem consideradas as possíveis linhas de comunicações marítimas da Rússia com os Estados da UE, potenciais parceiros comerciais russos, pelos Mares Negro e Báltico.

As perdas geopolíticas mais relevantes do Mar Cáspio referem-se ao controle e distribuição das fontes de recursos energéticos, e serão analisadas adiante.

3.2 Complexidade Étnica do Cáucaso

Outro problema que a Rússia passa a enfrentar é a complexidade étnica da sua região e dos Estados fronteiriços. Serão descritas as principais tensões relacionadas ao presente trabalho.

A configuração do relevo desempenha um importante papel na separação das áreas que compõem o conjunto montanhoso do Cáucaso[...]. Esse espaço extremamente fragmentado física e politicamente é local de enfrentamentos entre comunidades diferentes, algumas delas possuindo rivalidades muito antigas (OLIC, 1999, p. 16).

O Cáucaso, segundo Olic (1999), é uma região montanhosa que se estende desde o Mar Negro até o Mar Cáspio e que apresenta grande complexidade étnica, religiosa e linguística. Nesta área localizam-se Estados independentes e repúblicas autônomas, integrantes da Federação Russa.

De acordo com Silveira (2005), os Estados que formam a região da Transcaucásia¹³, ou “Cáucaso Não-Russo”, pertenciam à URSS e tornaram-se independentes após a sua desintegração. Essa região encontra-se em uma zona de cisão civilizacional (HUNTINGTON, 1997).

Ao sul, habitam os islâmicos e ao norte, os ortodoxos, cuja maioria é russa. Essa região ortodoxa, fronteira à Transcaucásia, é composta por oito repúblicas e regiões autônomas, dentre as quais a Ossétia do Norte, e formam a região denominada Ciscaucásia, ou “Cáucaso Russo” (SILVEIRA, 2005).

¹³ Denominação dada pelos russos à parte sul da região do Cáucaso, compreendendo a Geórgia, a Armênia e o Azerbaijão, conhecidas como repúblicas do Cáucaso (OLIC, 1999, p.12).

Essa diversidade étnica leva a região do Cáucaso a ser considerada uma zona de transição entre o mundo russo (povos eslavos cristianizados) e o turco-iraniano (povos islâmicos) (OLIC, 1999).

A esse cenário, acrescenta-se a coexistência de dois principais grupos religiosos: os cristãos e os muçulmanos. No presente, vivenciam-se diversos movimentos separatistas na Rússia, confrontando povos muçulmanos que não aceitam o provincianismo russo cristão ortodoxo (SILVEIRA, 2005, p.102).

O sufismo¹⁴ espalhou-se rapidamente entre muçulmanos e não muçulmanos do Cáucaso e da Ásia central. Já no século XIX, a anexação da Geórgia pela Rússia foi ponto de partida para a progressiva dominação eslava de toda a Transcaucásia. O desaparecimento do Império russo e, posteriormente, o desmoronamento da URSS, em nada modificaram o sentimento nacionalista e separatista dos povos montanhese, que até os dias atuais lutam por sua independência política e cultural (SILVEIRA, 2005).

Durante a 2ª Guerra mundial, as riquezas representadas pelos lençóis petrolíferos descobertos no atual Azerbaijão, atraíram os interesses alemães. Os povos caucasianos, ávidos pela libertação do jugo russo, alinharam-se aos nazistas, gerando uma forte represália do governo soviético, levando, inclusive, à deportação em massa de povos caucasianos para regiões de povoamento especial, em áreas da Ásia Central (SILVEIRA, 2005).

Este autor considera que os conflitos históricos advindos da complexidade étnica, linguística e religiosa da região, bem como a punição aos povos não russos do Cáucaso pelo governo da extinta URSS, após o término da 2ª Guerra Mundial, são relevantes para o afastamento político das repúblicas caucasianas em relação à Rússia na atualidade, bem como para os movimentos separatistas que frequentemente ocorrem na região.

3.3 Os Recursos Energéticos

Além dos conflitos étnicos, destacam-se na região do Cáucaso os interesses inerentes ao controle dos vales, das águas, das vias de comunicações e dos oleodutos que atravessam a região, a qual apresenta importantes jazidas de petróleo no Azerbaijão, junto ao Mar Cáspio. (OLIC, 1999).

¹⁴ Misticismo islâmico, orientação espiritual e motivo de identidade social no cenário heterogêneo do Cáucaso. Fenômeno de certa forma similar ao que ocorre no Oriente Médio, que traz à evidência a doutrina do profeta Mohammed como inspirador de movimentos que têm raízes no Islã, desde o século VII. (SILVEIRA, 2005, p.102)

A região do Mar Cáspio conta com mais de 42 bilhões de barris de petróleo de reservas provadas e estima-se que podem existir 200 bilhões de barris, fazendo com que passe a ser a segunda maior fonte de reservas do mundo, perdendo apenas para o Golfo Pérsico. [...] O problema maior da região é como escoar o petróleo e o gás para os mercados nos países de grande consumo [...] (FOSTER, 1999, p. 20).

Segundo o pensamento de Santos (2004), as maiores preocupações da Rússia dizem respeito ao controle das rotas de exportação dos recursos energéticos, assegurando que aqueles explorados pelo Azerbaijão no Cáspio sejam escoados para o Mar Negro e, daí, para a Europa pelos oleodutos soviéticos que foram herdados pela Rússia e que atravessam as repúblicas do Cáucaso.

Para a Rússia, a principal rota de escoamento de petróleo e gás do mar Cáspio seria um duto que contornasse esse mar, pelo Turcomenistão, via Casaquistão, até Novorossiysk, na Rússia, a partir de onde seria distribuído para a Europa, através do Mar Negro (FOSTER, 1999).

As repúblicas caucasianas, por sua vez, procuram alternativas para se distanciar e não depender da Rússia, alcançando mercados de seus interesses. Um exemplo dessa busca de autonomia é a construção do gasoduto de Nabucco¹⁵, que deverá ser construído nos próximos anos para levar gás da Ásia Central à Europa, contornando a Rússia (OSWALD, 2009).

A rota de escoamento preferida pelos estadunidenses e europeus sai de Baku, no Azerbaijão, passa por Tbilisi e chega a Supsa, na Geórgia e daí para os mares Negro e Mediterrâneo, que adicionalmente aos interesses econômicos dos EUA, evitaria o intenso tráfego mercante do Estreito de Bósfor e aliaria a Turquia, que possui uma crescente dependência de abastecimento de gás, à causa dos Estados ocidentais, liderados pelos norte-americanos, além de isolar a Rússia (FOSTER, 1999).

De acordo com Foster (1999, p. 22), “a maneira mais fácil de escoar petróleo e gás do Cáspio é através do Irã, seguida pela opção através da Rússia”. No entanto, considera inaceitável a opção de escoamento pelo Irã, em função dos embargos e riscos políticos. O uso da Rússia para escoamento dos recursos energéticos provenientes do Mar Cáspio não seria a opção preferida pelos EUA.

Ainda de acordo com Santos (2004), para tentar manter a sua influência nas exportações dos produtos energéticos, a Rússia apenas apóia oleodutos que passem através do seu território, em detrimento de projetos liderados por outras potências.

¹⁵ Segundo o diretor do projeto Nabucco, este será um gasoduto que atravessará a Turquia, Bulgária, Romênia, Hungria e Áustria para que o gás natural do Mar Cáspio seja transportado até a Europa Ocidental (MITSCHKEK, 2009).

Este autor considera que a possível perda do controle sobre os recursos energéticos produzidos no Mar Cáspio, bem como do seu transporte, causariam um esvaziamento geopolítico da Rússia, prejudicando a sua posição como potência dominante na região, além de enfraquecer significativamente a sua economia.

O problema das fontes de energia na região do Cáucaso, segundo Oswald (2009), apresenta desdobramentos no cenário global. No nível político, houve, por parte da Rússia, o corte de fornecimento de gás para a Europa, via Ucrânia, que procurava se aproveitar da dependência energética da Europa, para envolvê-la na disputa e pressionar a Rússia. Porém o primeiro-ministro russo, Vladimir Putim (1952-), mostrou que fará das fontes de energia importante arma geopolítica, não cedendo às pressões.

Essa atitude russa, de acordo com Schurster e Chaves (2008), poderá acelerar a aproximação de duas das mais importantes ex-repúblicas soviéticas, a Ucrânia e a Geórgia, com a UE. Recentemente, os EUA, na reunião de cúpula da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em Bucareste, ocorrida em 24 de abril de 2008, propuseram a inclusão desses Estados no Sistema de Defesa Atlântico, criando tensões com a Rússia (SILVA, 2009).

O temor russo com essa possibilidade deve-se ao fato de, caso concretizado, as tropas da OTAN estariam próximas a Moscou, em áreas até então consolidadas como entorno estratégico russo. Nesse contexto, a Rússia perderia territórios estratégicos e influência internacional (SCHURSTER e CHAVES, 2008).

Mais uma vez, de acordo com o pensamento deste autor, percebe-se a geoestratégia norte-americana de Kissinger e Brzezinski de aproximação dos EUA do entorno estratégico russo, isolando-a das demais repúblicas da ex-URSS, por meio de seus aliados europeus, evitando desta forma o ressurgimento de uma grande potência no *heartland*.

O controle das rotas de escoamento de recursos energéticos do mar Cáspio envolve complexos jogos geopolíticos. Segundo Foster (1999), os principais atores envolvidos são os EUA e a Rússia. A atuação da ex-república soviética é simples de entender, uma vez que ela pretende controlar o máximo do potencial econômico e político das demais repúblicas que surgiram após o esfacelamento da URSS. Nesse sentido, o controle da distribuição de petróleo e gás do Cáspio é uma atitude esperada.

Este autor considera que o posicionamento russo em relação ao controle das rotas de escoamento de recursos energéticos provenientes do Cáspio, possui um viés “mackinderiano”, com influência da teoria das Pan-regiões, no sentido de possibilitar à Rússia a formação da sonhada potência eurásiana.

Em relação aos EUA, segundo Foster (1999), existe um plano, denominado “Estrada da Seda”, que foi regulamentado em 1997, e que prevê a criação de um corredor leste-oeste de energia, transporte, comunicações e comércio, o qual passaria pela Geórgia, Azerbaijão e Turcomenistão, atravessando o Mar Cáspio. O propósito desse plano é a criação de um cinturão geopolítico que separe a Rússia instável do oriente fundamentalista, reforçando os laços de amizade entre os Estados interligados pela “Estrada da Seda” e contendo as ações anti-EUA do Irã.

Assim, a criação da “Estrada da Seda” pelos EUA, envolvendo a aproximação política de ex-repúblicas soviéticas, corrobora, mais uma vez, com a geoestratégia norte-americana pós-Guerra Fria de isolar politicamente a Rússia das demais repúblicas da ex-URSS, enfraquecendo-a geopoliticamente.

3.4 O Sistema dos Cinco Mares e o Vale do Volga

De acordo com Olic (1999), as condições naturais da Rússia permitiram que várias bacias hidrográficas da região pudessem ser interligadas, por meio da construção de uma série de barragens, eclusas e canais, tendo o rio Volga como eixo principal desse sistema.

A interligação das bacias hidrográficas possibilitou a plena navegação de quatro mil quilômetros de vias aquáticas, podendo atingir os mares Báltico, Branco, Cáspio, Azov e Negro, num conjunto denominado de Sistema dos Cinco Mares, valorizando a posição geopolítica de Moscou, que dessa forma, se tornou o principal porto de todo o sistema (OLIC, 1999).

A importância do Rio Volga para a Federação Russa pode ser observada nas palavras de Olic:

Situada inteiramente em território russo, a bacia hidrográfica do Volga compreende mais de 1,3 milhões de quilômetros quadrados. O rio que dá nome à bacia [...] desagua no Mar Cáspio [...]. O caráter plano da imensa planície russa por onde corre o Volga permitiu que vários rios [...] tivessem nascentes muito próximas uma das outras. (OLIC, 1999, p. 18)

A desintegração da URSS fez com que as bacias hidrográficas que compõem o Sistema dos Cinco Mares deixassem de pertencer a um único Estado. Além dos problemas geopolíticos de acesso aos mares, a Rússia enfrenta a instabilidade política suas federações autônomas do médio e baixo Vale do Volga (OLIC, 1999).

Em especial, destacam-se as intenções políticas do Tartarstão, que deseja uma total independência da Rússia, e da República do Bashkortostão, que anseia uma maior autonomia

em relação a Moscou. Ambas as Repúblicas russas apresentam problemas étnicos e religiosos, sendo regiões de minoria russa, embora pertençam à Confederação Russa (OLIC, 1999).

Segundo este autor, as pressões referentes ao Sistema dos Cinco Mares são mais significativas se forem levadas em consideração as perdas dos litorais dos Mares Negro e Bálticos, uma vez que, neste caso, poderá haver o isolamento da Rússia em termos de linhas de comunicações marítimas, caso esse sistema deixe de ser controlado por ela.

Considera, ainda, que os diversos problemas geopolíticos herdados pela Rússia após a dissolução da URSS, tais como os conflitos gerados pelas áreas de produção e transporte dos recursos energéticos provenientes do mar Cáspio; o desejo de maior autonomia ou mesmo independência de repúblicas da Federação consideradas vitais para a manutenção do Sistema dos Cinco Mares e do rio Volga, que somadas às perdas dos litorais dos mares Negro e Báltico, poderão levar a um colapso nas linhas de comunicações marítimas russas; os diversos conflitos étnicos e religiosos na região do Cáucaso; a aproximação recente da Geórgia e da Ucrânia dos Estados da UE e dos EUA; somadas à atitude negativa de diversas repúblicas da ex-URSS em relação à Rússia, dificultarão, sobremaneira, a natural influência Russa sobre as riquezas auferidas pelas demais repúblicas que se desvincularam da URSS após o término da Guerra Fria, diminuindo o seu prestígio e sua importância geopolítica no cenário mundial.

4 ASPECTOS ÉTNICOS DA INTERVENÇÃO DA RÚSSIA NA GEÓRGIA

De acordo com Silveira (1999), a conquista do Cáucaso pelo Império Russo verificou-se em várias etapas. Inicialmente, aconteceu no reinado de Pedro, O Grande, seguido de Catarina II¹⁶ (1729-1796), quando o império estabeleceu linhas de defesa na porção setentrional da região.

A segunda fase iniciou-se com a anexação da Geórgia, em 1801, ponto a partir do qual houve a conquista de toda a Transcaucásia, incluindo a Ossétia do Sul. Por fim, em 1870, foi conquistada a região ocupada pelos montanheses, onde se destacam os povos chechenos e ingúshios, que nunca deixaram de opor resistência ao domínio russo (OLIC, 1999).

Com o desaparecimento do Império Russo, surgiu em seu lugar a URSS, que herdou uma população caracterizada por uma grande diversidade étnico-cultural, onde convivia mais de uma centena de nacionalidades, sendo majoritários os de origem russa. Ao final de seus 70 anos de existência, em 1991, a URSS deu lugar a 15 novos Estados, sendo a Federação Russa, com mais de 17 milhões de quilômetros quadrados, habitado por uma população superior a 150 milhões de habitantes, a que herdou a maior parte daquele território e de sua população (OLIC, 1999).

Segundo Olic (1999, p. 8), “como no antigo Império Russo e na ex-URSS, a Rússia atual é composta por mais de uma centena de grupos étnico-nacionais”. A etnia de origem russa corresponde a 82% do contingente total da população da Federação Russa. Contudo, nos demais Estados que se formaram a partir da URSS, existem expressivas minorias russas.

Atualmente, observa-se uma dicotomia étnico-cultural, linguística e religiosa na região anteriormente ocupada pela URSS. Se por um lado surgem movimentos de caráter separatistas por parte de repúblicas autônomas que integram a Federação Russa, onde etnias não russas buscam a independência política e cultural daquela Federação, por outro, minorias russas pertencentes a outras repúblicas são perseguidas pelos Estados que se formaram após a divisão da URSS (SILVEIRA, 1999).

De acordo com o pensamento de Silveira (1999), a complexidade linguística e religiosa da região também são relevantes. Do ponto de vista linguístico e cultural, o quadro é complexo e heterogêneo. Há um verdadeiro *jabal al-Alsine*¹⁷ no Cáucaso, com destaque para

¹⁶ Catarina II foi rainha do Império Russo no período de 1762 a 1796. (OLIC, 1999)

¹⁷ Termo utilizado pelos historiadores árabes para definir a complexidade linguísticas do Cáucaso, que significa “Montanha de Línguas”. (SILVEIRA, 1999, p.102)

os grupos idiomáticos caucásicos, dentre os quais o georgiano. No total, são mais de 40 idiomas e variantes, em adição ao russo.

Em termos religiosos, a região apresenta uma transição entre os grupos religiosos cristão e muçulmano. Segundo Silveira (1999), no passado, o Império Russo, ortodoxo, e a URSS, atéia, presenciaram o uso da religião como ingrediente de resistência contra o regime dominante. A atual Confederação Russa herdou esse caldeirão de religiosidade caucasiano.

Este autor considera que o ponto de partida para a caracterização da intervenção da Rússia na Geórgia, em 2008, foi o processo de formação desses Estados, bem como o arranjo das diversas repúblicas autônomas que os compõem, a partir da desintegração da URSS.

De acordo com Schurster e Chaves (2008), após a Revolução Russa de 1917, a Ossétia do Sul, de origem russa, com cultura, língua e religião semelhantes à da Federação Russa, foi incorporada à República Democrática da Geórgia, de maioria islâmica, com idioma e cultura distintos do russo, iniciando uma série de protestos e movimentos de cunho separatistas.

Em agosto de 2008 a Ossétia do Sul proclamou sua independência da Geórgia, que em represália efetua um cerco à capital osseta de Tskhinvali (SCHURSTER e CHAVES, 2008).

Com o pretexto de proteger a população russa da Ossétia do Sul, que poderia se tornar um novo Kosovo¹⁸, o presidente russo Dmitri Medvedev (1965-) decidiu pelo ataque contra as tropas georgianas, exigindo a sua retirada do território osseta (SCHURSTER e CHAVES, 2008).

Na opinião deste autor, embora a complexidade étnica, linguística e religiosa que envolve Federação Russa, Geórgia e Ossétia do Sul sejam consideradas relevantes para a intervenção russa na Geórgia, existem outros interesses implícitos, que podem ser verificados na atual geopolítica da Federação Russa e na geoestratégia estadunidense de isolar a Rússia das antigas repúblicas soviéticas.

Os problemas envolvendo o escoamento dos recursos energéticos, provenientes do Mar Cáspio; a aproximação recente entre EUA e Geórgia, inclusive com a proposta de inclusão da República caucasiana na OTAN; e a consequente proximidade estadunidense do entorno estratégico russo são alguns ingredientes pertinentes e não explícitos desse confronto, que demonstram a importância geopolítica e geoestratégica na intervenção.

¹⁸ A Guerra do Kosovo foi um conflito originado por questões étnicas. A população da província iugoslava do Kosovo era formada por 90% de muçulmanos de origem albanesa e os outros 10% por sérvios de religião cristã ortodoxa. Os kosovares sofriam com os desmandos de Slobodan Milosevic, presidente da Iugoslávia que reprimia o povo de origem albanesa (BOULOS JÚNIOR, 2004).

5 CONCLUSÃO

Ao término da Segunda Guerra Mundial, a URSS, dentro da concepção expansionista de Ratzel, criou um império na região do *heartland*, o que levou essa potência a gozar de diversos benefícios estratégicos: a abundância de recursos naturais, a mobilidade oferecida pela vasta planície existente em seu território, a rede hidroviária e o favorecimento de uma estratégia de defesa, pois somente um Estado de dimensões continentais, com grande variedade climática e de solo para a produção de *commodities* agrícolas variados, com diversidade de extração de minerais, que possibilite a sua autossustentação, poderia agregar as condições necessárias à consolidação dos ideais de Autarquia e Espaço Vital.

Dessa forma, verifica-se a validade das teorias geopolíticas de Mackinder e Haushofer, referentes, respectivamente às Teorias do Poder Terrestre e das Pan-regiões, no processo de formação da potência soviética. Tais teorias passaram a nortear a Rússia no sentido de formar uma nova potência na Eurásia.

A desintegração da URSS, somada à crise econômica e política na qual a Rússia se envolveu, trouxe a esse Estado um grande declínio geopolítico, com significativas perdas, dentre as quais se destacam as áreas de produção e transporte dos recursos energéticos provenientes do mar Cáspio; e o desejo de maior autonomia ou mesmo independência de repúblicas da Federação consideradas vitais para a manutenção do Sistema dos Cinco Mares e do rio Volga, que somadas às perdas dos litorais dos mares Negro e Báltico, poderá levar a um colapso nas linhas de comunicações marítimas russas.

Soma-se às perdas geopolíticas russas, os conflitos históricos advindos da complexidade étnica, linguística e religiosa do Cáucaso, cujos povos nutrem sentimentos nacionalistas e separatistas, que contribuem para o afastamento político das repúblicas caucasianas em relação à Rússia, bem como para os movimentos de luta por independência política e cultural que frequentemente ocorrem na região. Tais conflitos motivaram, de maneira explícita, a recente intervenção da Federação Russa na Geórgia, embora não tenham sido o único agente para tal acontecimento.

Paralelamente, os EUA tornaram-se a única grande potência mundial, cuja principal estratégia para o espaço médio eurasiático é no sentido de evitar que a Rússia concretize o seu antigo sonho de construir um imenso e poderoso império eurasiático, dentro de uma concepção “mackinderiana”.

Para atingir seus objetivos geoestratégicos, os EUA aproximam-se do entorno estratégico da Rússia, consubstanciado pela recente adesão das Repúblicas Bálticas (Estônia,

Letônia e Lituânia) à UE; o afastamento dos ex-satélites da ex-URSS de Moscou, e a natural aproximação da UE; o apoio ao escoamento de recursos energéticos do mar Cáspio por rotas independentes da Rússia, que agregam as Repúblicas do Cáucaso e as colocam sob a sua influência geopolítica, culminando com a estratégia de criação da “Estrada da Seda”; além da proposta norte-americana de inclusão das Repúblicas da Ucrânia e da Geórgia no Sistema de Defesa Atlântico da OTAN.

Dessa forma, observa-se a validade do realismo geoestratégico norte-americano em relação à Federação Russa, defendido por Kissinger e Brzezinski, no sentido de evitar a formação de um poderoso Estado na Eurásia, centralizado em Moscou.

A Rússia perdeu poder, em função das perdas geopolíticas sofridas pela potência socialista após a sua dissolução, uma vez que deixou de ser a detentora da totalidade das riquezas e dos recursos estratégicos daquela união de repúblicas. Dentro da concepção geopolítica de Mackinder e Haushofer, a Federação Russa passa a buscar os benefícios estratégicos do *heartland* existentes na URSS, reorganizando a Pan-Rússia. Desta forma, voltaria a agregar poder. Nesse sentido, há necessidade da Rússia manter as demais repúblicas independentes da ex-URSS sob a sua esfera de influência, caso contrário, correrá o risco de ter que negociar as suas necessidades não mais com os Estados limítrofes e antigos aliados, mas com economias mais desenvolvidas, o que certamente traria desvantagens competitivas, dificultando a formação da sonhada potencia eurásiana.

Portanto, a intervenção da Rússia na Geórgia pode ser observada por três aspectos principais, que contribuíram de maneiras diferentes e sinérgicas para este fato.

O primeiro, e mais explícito, é a complexidade étnica, linguística e religiosa que envolve Rússia, Geórgia e Ossétia do Sul.

O segundo aspecto relaciona-se com as perdas geopolíticas da Federação Russa pós-URSS, sobretudo aquelas relacionadas ao escoamento dos recursos energéticos provenientes do Mar Cáspio, uma vez que a Rússia, norteadas pelas teorias geopolíticas de Mackinder e Haushofer, procura formar uma nova potência na Eurásia, centrada em Moscou.

Por fim, destaca-se a aproximação recente entre EUA e Geórgia, inclusive com a proposta de inclusão da República caucasiana na OTAN, proporcionando a proximidade estadunidense do entorno estratégico russo, dentro da concepção geoestratégica de Kissinger e Brzezinski.

REFERÊNCIAS

- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **Coleção história: sociedade & cidadania**. São Paulo: FTD, 2004.
- FIORI, José Luiz. A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul. **Oikos: revista de economia heterodoxa**. Rio de Janeiro, n. 8, 2007.
- FOSTER, Colin. Mar Cáspio: Um problema de escoamento. **Revista Brasileira de Tecnologia e Negócios de Petróleo, Petroquímica, Química fina, Gás e Indústria do plástico**, ano 2, n. 8, p.20-24, jul./ago. Rio de Janeiro, 1999.
- GASPAR, Carlos. A Rússia e a segurança europeia. **Instituto Português de Relações Internacionais**. Universidade Nova Lisboa. Nação e defesa. Lisboa, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=3&ida=103>>. Acesso em: 14 jul. 2009.
- HUNTINGTON, Samuel Phillips. **O choque das civilizações e a recompensa da ordem mundial**. Tradução M.H.C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HALBERSTAM, David. **O próximo século**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- MACKINDER, Halford John. El pivote geografico de la historia. In RATTENBACH, Augusto B. (Org.). **Antologia geopolítica**. Buenos Aires: Pleamar, 1975.
- MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. **Geopolítica: introdução ao estudo**. São Paulo: Siracuzza, 2006.
- MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e modernidade: geopolítica brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.
- _____. In MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. **Geopolítica: introdução ao estudo**. São Paulo: Siracuzza, 2006.
- MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?**. São Paulo: Edusp, 1999.
- MICHELENA, José Agustín Silva. **Crise no sistema mundial: política e blocos de poder**. Tradução João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MIGLIOLI, Jorge. O Colapso Soviético e os Movimentos Socialistas. **Instituto de filosofia e ciências humanas da UNICAMP**. São Paulo, 1995. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-2/Artigo-3-p49.pdf>. Acesso em 16 jul. 2009.
- MITSCHEK, Reinhard. Europa rediscute gasoduto Nabucco para diversificar fontes energéticas. **Deutsche Welle**. Berlin, 27 jan. 2001. Disponível em <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,3980105,00.html>>. Acesso em: 30 jun. 2009

OLIC, Néelson Bacic. **Conflitos do mundo**: questões e visões geopolíticas. São Paulo: Moderna, 1999.

OSWALD, Vivian. Após 18 anos, uma difícil relação entre vizinhos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1 fev. 2009. Caderno O Mundo, p. 36.

PEREIRA, João Eduardo Alves. **Seminário de Geopolítica do Petróleo e Direito Internacional**. [Palestra], Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS), Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 21 jul. 2009.

RATTENBACH, Augusto B. (Org.). **Antologia geopolítica**. Buenos Aires: Pleamar, 1975.

RATZEL, Friederich. Ubicacion y espacio. In RATTENBACH, Augusto B. (Org.). **Antologia geopolítica**. Buenos Aires: Pleamar, 1975.

SANTOS, Eduardo Silvestre dos. O eurasionismo: a “nova” geopolítica russa. **Jornal defesa e relações internacionais**. Lisboa, 20 nov. 2004. Disponível em: <http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=97>. Acesso em: 17 mai. 2009.

_____. A geopolítica russa: de Pedro “O Grande” a Putin, a “guerra fria”, o eurasionismo e os recursos energéticos. **Portal da Revista Militar**. Lisboa, 22 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=267>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O século sombrio**: uma história geral do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. A independência de Kosovo e o futuro do conceito de soberania nacional. *Revista Eletrônica Boletim do TEMPO*, ano 2, n. 21. Rio de Janeiro, 2007. *apud* SCHURSTER, Karl e CHAVES, Daniel. Soberania Nacional no Pós-Guerra Fria: a Ossétia do Sul em questão. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 3, n. 20. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=4080>. Acesso em: 13 jul. 2009.

_____. As Tarefas do Novo Presidente dos EUA. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 4, n. 09. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=4727&Itemid=147> Acesso em: 04 jun. 2009.

SCHURSTER, Karl e CHAVES, Daniel. Soberania Nacional no Pós-Guerra Fria: a Ossétia do Sul em questão. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, ano 3, n. 20. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=4080> Acesso em: 13 Jul. 2009.

SILVEIRA, Fernando Malburg da. Confrontos na Federação Russa: o conflito Caucásico. **Revista Marítima Brasileira**, v. 125, n. 07/09, p.99-105, jul./set. Rio de Janeiro, 2005.

TOSTA, Otavio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

VESENTINI, José William. **Novas geopolíticas**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.